

Mortes de civis em fuga são nova face do conflito

GUERRA NA EUROPA



Perigo em toda parte. Soldados ucranianos ajudam um homem ferido enquanto tentava fugir da cidade de Irpin, perto de Kiev, fortemente bombardeada no fim de semana pelas forças russas

CIVIS NA LINHA DE TIRO
FRACASSA NOVA TENTATIVA DE TRÉGUA
HUMANITÁRIA, E POPULAÇÃO É ATACADA

N o segundo dia de tentativas fracassadas de retirar por um corredor humanitário os habitantes de Mariupol, um porto estratégico no Sudeste da Ucrânia cercado pelas tropas russas, arrombou-se ontem o drama da população civil diante do ataque das forças enviadas contra o país por Vladimir Putin. Entre a impossibilidade de furar o cerco em alguns lugares e a urgência de fugir para longe das bombas, dos mísseis e dos tiros, muitos ucranianos acabaram encontrando a morte

em casa ou nas estradas. Em Mariupol, a retirada de parte da população foi de novo interrompida, informou a Câmara Municipal da cidade. A decisão foi tomada após separatistas pró-Rússia e a Guarda Nacional da Ucrânia acusarem-se mutuamente de não obedecer o cessar-fogo temporário para estabelecimento de um corredor humanitário na região. "É extremamente perigoso retirar as pessoas em tais condições", disse o conselho da cidade em comunicado on-line. A televisão Ukraine 24 mostrou um combatente do Batalhão Azov da Guarda Nacional que disse que as forças russas e pró-russas que cercaram a ci-

dade portuária de cerca de 400 mil continuaram bombardeando as áreas que deveriam ser seguras. Já a agência de notícias russa Interfax citou um funcionário do governo separatista pró-Moscou da região de Donetsk que acusou as forças ucranianas de não observarem o cessar-fogo limitado. Ainda segundo o separatista, apenas cerca de 300 pessoas deixaram a cidade. 'IMPRÓPRIA PARA A VIDA' O presidente da Rússia, Vladimir Putin, também acusou as autoridades ucranianas de prejudicar a operação humanitária de retirada de civis de Mariupol, durante uma conversa telefônica

com o colega francês, Emmanuel Macron. Putin disse que "a Ucrânia continua a não respeitar os acordos alcançados sobre questões humanitárias" e acrescentou que os "nacionalistas ucranianos impediram a retirada" no sábado. As margens do Mar de Azov, contíguo ao Mar Negro, Mariupol há seis dias convive com bombardeios constantes e falta de água, luz, comida e aquecimento sob temperaturas negativas. Um plano semelhante de retirada teve que ser abandonado no sábado, depois que o primeiro cessar-fogo temporário anunciado pela Rússia também fracassou e ambos os la-

dos se acusaram. A trégua temporária era válida para os corredores de acesso a Mariupol e Volnovakha, na região separatista de Donetsk. A situação em Mariupol está ficando "imprópria para a vida humana", de acordo com os moradores, que têm dormido em abrigos antiaéreos para escapar dos bombardeios quase constantes das forças russas. — Eles nem nos dão a oportunidade de contar os feridos e mortos porque o bombardeio não para — disse o prefeito Vadym Boichenko à Reuters. Os ataques russos à cidade litorânea destruíram metade do comboio de ônibus que a equipe de Boichenko havia preparado para a reti-

rada no sábado, disse ele. Desde que iniciou a invasão da Ucrânia em 24 de fevereiro, a Rússia vem negando que tenha civis como alvo. No entanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou ontem que ataques a hospitais foram realizados. Segundo o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, ofensivas militares aos centros de saúde "causaram vários mortos e feridos". A entidade afirmou, ainda, que investiga outros ataques a hospitais no país. "Ataques a instalações de saúde ou trabalhadores violam a neutralidade médica e são violações do direito internacional humanitário", ressaltou Tedros em nota. Por sua vez, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, reivindicou mais uma vez que os aliados ocidentais lhe entreguem aviões de combate. Os EUA disseram estar "trabalhando ativamente" em um acordo com a Polónia para o envio das aeronaves. Zelensky disse que mísseis russos destruíram completamente o aeroporto civil de Vinnytsia, localizada a 200 km da capital e sede da Força Aérea Ucraniana. Ainda segundo ele, tropas do país vizinho agora se preparam para bombardear Odessa, uma cidade estratégica e principal porto da Ucrânia, no Mar Negro. — Será um crime militar. Será um crime histórico — disse Zelensky.

MORTE NA ROTA DE FUGA Quase um milhão de pessoas vivem em Odessa, antigo balneário de férias da população russa. Se conquistar a cidade, a Rússia terá capturado virtualmente todo o Sul da Ucrânia e barrado completamente o acesso da capital ao Mar Negro. Por sua vez, uma força russa disparou morteiros ontem sobre uma ponte danificada usada por civis que fugiam dos combates nos arredores de Irpin, perto de Kiev, deixando três membros de uma família mortos na calçada. Centenas de pessoas estavam aglomeradas desde sábado tentando fugir. As forças ucranianas haviam implodido a ponte para retardar o avanço russo. Uma granada caiu na rua, matando mãe e dois filhos, e deixando uma filha e o pai feridos. Na manhã de ontem, o comandante militar ucraniano da cidade, Oleksiy Kuleba, disse em comunicado na TV que as rotas de saída eram tão inseguras que foram bloqueadas. "Infelizmente, a menos que haja um cessar-fogo", as pessoas não poderão sair, disse ele.

Três cenários par o conflito Analistas preveem cenários de uma guerra longa e sangrenta. > Primeiro cenário: o Milagre do Dniéper Segundo este cenário, que o centro de estudos Atlantic Council chama de "O milagre do Rio Dniéper", os ucranianos, ajudados por suprimentos de armas de aliados, impedem o avanço russo. Putin se retira, sujeito ao isolamento internacional e a sanções ocidentais. O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, disse à BBC na sexta-feira que a vitória da Rússia não deve ser dada como certa. Uma vez que se supõe que os países ocidentais não irão intervir diretamente, a ideia é que sanções e armas dificultarão as coisas para Putin e o forçarão a mudar seu

comportamento. Nas palavras de uma fonte do Palácio do Eliseu, que pediu anonimato, trata-se de "aumentar o preço da guerra para que ele renuncie a ela". Por fim, François Heisbourg, diretor do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos e Conselheiro Especial na francesa Fundação para a Pesquisa Estratégica, ressaltou: "Vladimir Putin mostrou que, diante das dificuldades, não oreduz suas ambições, mas aumenta seus meios". > Segundo cenário: a guerra se intensifica até a ocupação total A operação militar em si vai durar semanas, e não meses, mas a guerra será mais longa e a pós-guerra pode durar anos e ter um resultado incerto. É o diagnóstico

que fazem os principais assessores militares do governo espanhol. Os aliados calculam que Kiev pode cair em 5 ou 10 dias, mas não será o fim da guerra. Então começará uma guerra de guerrilha em que a resistência ucraniana se beneficiará das armas ocidentais. O governo dos EUA prevê uma luta feroz pela capital, Kiev, que pode ser resolvida em favor da Rússia em questão de semanas, e que o conflito pode piorar e durar anos. A estratégia russa, segundo fontes espanholas, consiste em estrangulando as grandes cidades ucranianas para forçar a rendição. Se a Ucrânia não se render, o Exército russo entrará com sangue e fogo e causará um grande número de vítimas civis, pelas quais culpárá o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky.

O resultado, de acordo com esses cálculos, levaria à ocupação total da Ucrânia. O francês Emmanuel Macron não vê a divisão do país como um cenário provável: ele considera que o que Putin quer é controlar toda a Ucrânia. Já as fontes consultadas em Madrid detalham que o resultado mais provável da guerra será o surgimento de um novo país com partes da Ucrânia. A estratégia de Putin, estimam os estrategistas espanhóis, envolve instalar um governo fantoche em Kiev sob ocupação russa. A questão é quanto tempo Putin poderá manter este esquema, tornando-se um pária internacional, com a Ucrânia ocupada e enfrentando uma população local esmagadoramente hostil.

> Terceiro cenário: Rússia avança além da Ucrânia e desafia diretamente a Otan "Algo bastante provável é que, depois da Ucrânia, [Putin] assumo o poder na Moldávia", diz o analista Heisbourg. Essa situação hipotética, sustentada por um conselho de consultoria da Fundação para a Pesquisa Estratégica, leva a um terceiro cenário, no qual Putin tentaria recriar na Europa a situação anterior à expansão da Otan para o Leste: "Imagine que ele ganhou a guerra na Ucrânia e tomou o poder na Moldávia. Pela primeira vez, tem uma fronteira contínua com os países da Otan, da Noruega ao Mar Negro, com risco de acidentes e ações violentas involuntárias". (Do El País)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 19